

Malaca, portugueses e chineses, navegadores das antigas Rotas da Seda

Leonor Janeiro

“Ah todo o cais é uma saudade de pedra!” Alvaro de Campos

Livro de Viagem - Fernando Pessoa

Foram vários os povos que se estabeleceram em Malaca a partir dos finais do séc. XIV. Mas de entre todos, os portugueses e os chineses foram os que contribuíram decisivamente para a história da cidade. Hoje, há inúmeros testemunhos que revelam um passado glorioso da antiga Rota da Seda Marítima. Malaca foi declarada, em 2008 pela UNESCO, Património Mundial.

Os aglomerados populacionais chineses já existiam em Temasek (antiga designação de Singapura) nos inícios do séc. XIV, período em que a cidade se encontrava sob o domínio de Java. É possível que existissem mais núcleos espalhados pela península malaia já que as restrições comerciais impostas pelo primeiro imperador Ming, em 1368, levaram a que muitos chineses se estabelecessem nessas paragens.

Mesmo antes do almirante Zheng He ter dado início às suas viagens, na primeira metade do séc. XV, o eunuco imperial Yin Qing empreendeu, em 1404, uma visita amigável a Malaca.

A cidade tornou-se, durante quinhentos, um entreposto comercial cosmopolita e de grande importância para as rotas marítimas entre o Mar da China e o Oceano Índico. Aí se fazia o *trans-shipment* das especiarias que vinham das Molucas, das sedas e porcelanas chinesas e dos produtos oriundos da Arábia e da Índia.

Relatos deste comércio transoceânico de longa data, encontram-se compilados em dois livros, “Accounts of China and Índia”, da autoria de Abu Zayd, que remontam aos séc. IX e X.

O facto das viagens de Zheng He terem sido em larga escala, durante a primeira metade do séc. XV, contribuiu para proteger os habitantes de Malaca dos piratas que, à época, fustigavam os comerciantes.

A presença chinesa actuou positivamente numa das mais perigosas passagens marítimas da região.

O Museu Cheng Ho, na Jalan Kota, é dedicado a Zheng He e às suas viagens marítimas. No jardim pode ver-se uma imponente estátua em pedra do grande almirante chinês.

O historiador David Abulafia afirma no seu livro “The Boundless Sea” que o culto de Zheng He continua, ainda hoje, no templo chinês mais antigo de Malaca, Cheng Hoon Teng (Templo das Núvens Claras).

Construído em meados do séc. XVII abrange o confucionismo, taoísmo e budismo. O seu restauro exemplar ganhou o UNESCO - Asia-Pacific Heritage Award, em 2002.



Quando o visitei, estava a decorrer uma cerimónia budista de grande espiritualidade presidida por inumeros fiéis. Aí se encontra, entre outras, a imagem de Ma Cho Po, a divindade dos pescadores e navegantes. No átrio do templo, e depois de passar o lindíssimo portal de entrada, estão colocados dois mastros de navio simbolizando as navegações chinesas.



Mais adiante, no centro da cidade, junto ao Rio Malaca, na Jalan Quayside, eis que a vista alcança uma réplica da nau portuguesa Flor de la Mar que faz parte do Museu Marítimo. A mítica nau Flor de la Mar foi construída em Lisboa em 1502 e fez, por duas vezes, a Carreira da Índia.



No retorno da segunda viagem, afundou-se junto à costa de Sumatra com a mercadoria arrecadada durante a conquista de Malaca em 1511.

A embarcação participou na conquista portuguesa da Ilha de Socotra (Yemen), Kuryat, Muscate, Qubla, Sohar (Oman e UAE), Ormuz (Irão) e Diu, Calecute e Goa (Índia). A Flor de la Mar nunca

foi encontrada ou porque naufragou perto da costa, ou por ter sofrido pilhagens ou porque as águas revoltas levaram a carga para locais pouco visíveis do fundo do mar.

Quando os portugueses chegaram a Malaca, em 1511, cerca de meio século após o fim das navegações chinesas, a cidade era um importante entreposto comercial, cosmopolita, com cerca de cem mil habitantes, portanto maior que Lisboa e Veneza nessa época, e governada por um sultão muçulmano.

Tomé Pires escreveu no seu livro *Suma Oriental*, em 1515, “quem quer que seja o deus de Malaca, tem as suas mãos na garganta de Veneza” o que significava que Malaca era a fonte do monopólio de fornecimento das especiarias e dos produtos da China a Veneza.

Da cidade portuguesa dessa época restam, a Porta de Santiago, a Formosa, e a Igreja de São Paulo no topo da colina com o mesmo nome. A Porta de Santiago é constituída por duas aberturas desencontradas ligadas por uma abóbada “*arrière-voussure*”.



Esta solução arquitetónica dificultava a entrada dos inimigos.



Nos últimos anos, cada vez mais o centro histórico de Malaca tem ficado interiorizado, face ao mar.

Da Igreja de São Paulo pode ver-se a extensão dos aterros construídos.

Mas a memória dos portugueses na cidade, é mais vasta. O bairro português, que visitei em 1983, lá continua, agora com uma prosperidade surpreendente. Nessa altura o paroco da igreja, centro da comunidade, era o padre Pintado. Os habitantes, descendentes de portugueses, dedicavam-se à pesca e o bairro estava frente ao mar e em contacto directo com este. Falava-se o *papiá cristão*, cujas palavras se disseminaram pela lngua malaia.



Situado a nascente do centro da cidade, tendo por base uma malha recticulada de ruas, o bairro português é formado por pouco mais de uma centena de casas. Eram de chapa e agora são de alvenaria, pintadas de branco com crucifixos à porta e carros estacionados nos jardins frontais. Agora a economia do bairro é a restauração e a hotelaria. Junto à igreja, os restaurantes de comida portuguesa proliferaram. Mas o bairro, como por milagre, continua paredes meias com o estreito de Malaca! Escapou à voracidade dos aterros para construir arranha-céus. Aquele mar é uma benção para a vista. Senti-me em casa.



A conquista de Malaca pelos holandeses, em 1641 e, posteriormente, pelos ingleses, não conseguiu apagar as marcas deixadas pelos portugueses. É uma pequena comunidade que se instalou para comerciar tal como os chineses antes tinham feito e que tornaram esta cidade na sua terra.

Em 1433, Zheng He morreu, possivelmente em Calicute, na costa indiana e as expedições chinesas cessaram, deixando um vazio no poderio naval comercial que os portugueses viriam a preencher com a chegada de Vasco da Gama à costa ocidental do continente indiano, em 1498.

Enquanto as viagens dos chineses eram demonstrações para dar a conhecer, ao exterior, que a China era o centro do mundo, e que os povos deviam prestar tributo ao imperador Yongle, os portugueses procuravam o comércio e a difusão da fé cristã, a bem ou a mal. Não podemos ignorar que os muçulmanos eram os comerciantes, por excelência, na costa do Malabar, como já foi anteriormente referido.



Visitar Malaca é uma viagem ao passado que vale a pena fazer para testemunhar a história dum importante porto comercial da Antiga Rota da Seda.

